

Filosofía, Filosofar e Ensino de Filosofia desde o Brasil. Considerações a partir de Julio Cabrera

Palabras clave

Julio Cabrera, Filosofía en Brasil,
Enseñanza.

Keyword

Julio Cabrera, Philosophy in Brazil,
Teaching.

Palavras-chave

Julio Cabrera, Filosofia no Brasil,
Ensino.

Historia del artículo

Recibido: 8 de octubre de 2020

Aprobado: 8 de noviembre de 2020

Autor principal

Danilo Rodrigues Pimenta

Filiación institucional

Universidade Metodista de
Piracicaba

Correo electrónico

daniropimenta@hotmail.com

Autor

Cesar Romero Amaral Vieira

Filiación institucional

Universidade Metodista de
Piracicaba

Correo electrónico

cesar.vieira@unimep.br

Resumen

Este texto busca presentar algunas ideas trabajadas por Julio Cabrera en su *Diário de um filósofo no Brasil*, obra publicada en 2010 por la Editora Ijuí, en que su autor expone en primera persona la situación de la filosofía, del filosofar y de la enseñanza de la filosofía en Brasil. En un primer momento, el texto realiza una breve presentación de Julio Cabrera, para enseguida, exponer su concepción plural de filosofía, la idea de una filosofía desde Brasil y su crítica a la academia.

Abstract

This paper shows Julio Cabrera's ideas as presented in his *Diary of a philosopher in Brazil*, published in 2010 by Ijuí Editor, in which the author exposes the situation of philosophy, of doing philosophy and of teaching philosophy in Brazil. The text initially makes a brief presentation of Julio Cabrera, and then it exposes his plural understanding of philosophy, an idea of a philosophy from Brazil and his criticism to the academy.

Resumo

Este texto busca apresentar algumas ideias trabalhadas por Julio Cabrera em seu *Diário de um filósofo no Brasil*, obra publicada em 2010 pela Editora Ijuí, em que seu autor expõe em primeira pessoa a situação da filosofia, do filosofar e do ensino de filosofia no Brasil. Em um primeiro momento, o texto faz uma breve apresentação de Julio Cabrera, para em seguida, expor sua concepção plural de filosofia, a ideia de uma filosofia desde o Brasil e sua crítica à academia.

SOBRE LOS AUTORES***Danilo Rodrigues Pimenta***

Investigador de Postdoctorado en la Universidade Metodista de Piracicaba (Brasil), becario del Programa Nacional de Postdoctorado de la Coordinación de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (PNPD / Capes).

Cesar Romero Amaral Vieira

Doctor en Ciencias de la Religión, Universidade Metodista de São Paulo y Doctor en Educación, Universidade Metodista de Piracicaba. Es profesor y coordinador del Programa de Posgraduación en Educación de la Universidade Metodista de Piracicaba (Brasil).

INTRODUÇÃO

Julio Cabrera nasceu na Argentina, na cidade de Córdoba, fez seus estudos de Graduação (1965-1970) e de Doutorado (1970-1974) em Filosofia pela Universidad Nacional de Córdoba. Nessa instituição ele foi professor assistente de 1971 a 1975. Após a conclusão de seu Doutorado trabalhou como professor na Universidad de Belgrano, cidade de Buenos Aires. Fez estágios de pós-doutoramentos na Université de Provence, na França, entre 1986 e 1987, no Consejo Superior de Investigaciones Científicas, na Espanha, em 1997, e na Universidad Veracruzana, no México, entre 2002 e 2003. Em 1979 chegou ao Brasil para trabalhar no Departamento de Filosofia da Universidade de Santa Maria, onde ficou até 1987. No ano seguinte iniciou seus trabalhos como professor no Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília, aposentando-se em 2014 como professor Titular, mas até os dias atuais tem colaborado, como pesquisador Sênior, no Programa de Pós-graduação em Bioética da Universidade de Brasília.

Julio Cabrera constrói sua filosofia em diálogo com filósofos europeus e latino-americanos dos séculos XIX e XX, nas áreas de filosofias da linguagem, da ética negativa, da filosofia no Brasil e na América Latina e na interface entre filosofia e cinema¹. Na área de filosofias da linguagem, o filósofo argentino-brasileiro trabalha com as linguagens analíticas, fenomenológicas, hermenêuticas e com a linguagem cinematográfica. Suas obras de filosofias de linguagem que destacamos são: *A lógica condenada: uma abordagem extemporânea de filosofia da lógica* (1987), *Margens das filosofias da linguagem* (2003), *“Nada e negação (entre Wittgenstein e Sartre)”* (2004) e *“Acerca da expressão das Nichts Nichtet (Uma leitura analítica)”* (1998).

Sobre a relação entre filosofia e cinema, podemos destacar as seguintes obras: *Cine: 100 años de filosofía. Una introducción a la filosofía a través del análisis de películas*² (1999), *De Hitchcock a Greenaway pela história da filosofia. Novas reflexões sobre cinema e filosofia* (2007), *Diálogo/Cinema* (2013) e *“Eutanásia poética. Reflexões em torno de cinema e filosofia”* (2009).

No campo da ética, diferentemente das abordagens afirmativas que evitam questões incômodas relativas à condição humana, a reflexão cabreriana aborda o desvalor da vida humana, problematiza a procriação, além de trazer uma interessante argumentação filosófica a respeito do suicídio, entre outros aspectos. Alguns de seus livros de ética negativa são: *Projeto de ética negativa* (1990), *Crítica de la moral afirmativa. Un ensayo sobre nacimiento,*

¹ Várias obras de Julio Cabrera estão disponíveis no Repositório Institucional da Universidade de Brasília. Cf https://repositorio.unb.br/simple-search?query=julio+cabrera&sort_by=score&order=desc&rpp=10&etal=0&filtername=author&filterquery=Cabrera%2C+Julio&filtertype>equals.

² Essa obra foi traduzida em 2002 para o italiano com o título *Da Aristotele a Spielberg, Capire la filosofia attraverso i film* (Milano: Paravia Bruno Mondadore Editori), e em 2006 foi publicada a tradução brasileira com título *O Cinema pensa. Uma introdução à filosofia através dos filmes* (Rio de Janeiro: Rocco).

muerte y valor de la vida (1996), *Ética negativa: problemas e discussões* (2008), *Porque te amo, não nascerás! Nascituri te salutant* (2009) e *Mal-estar e moralidade*³ (2018a).

Nos últimos anos se intensificaram as produções de Julio Cabrera acerca da filosofia e do filosofar no Brasil e na América Latina. Dentre seus textos sobre essa temática, destacam-se as seguintes publicações: *Diário de um filósofo no Brasil* (2010), “Europeu não significa universal. Brasileiro não significa nacional” (2015), “Filosofar acadêmico e pensamento insurgente” (2017), “O projeto institucional da Filosofia no Brasil e a inexistente Escola de Brasília” (2018b) e “El estudiante de filosofía como ‘víctima académica’. (Una reflexión sobre violencia intelectual desde Enrique Dussel)”⁴ (2020).

Julio Cabrera foi professor universitário no Brasil desde 1979 e nos lega em seu *Diário* um breve relatório de sua obra filosófica como “um testemunho da maneira de como os filósofos tiveram de fazer as suas Filosofias na mudança do milênio na parte sul-americana do planeta, onde se assumir como filósofo foi considerado arrogante e irresponsável”⁵. Nessa direção, continua Julio Cabrera:

Qualquer sinal de vitalidade filosófica é visto hoje como uma amostra de ‘falta de seriedade’ e ‘pouco profissionalismo’. ‘Improvisar’, que parece uma das mais interessantes virtudes de um pensador ‘em movimento’, tornou-se hoje sinônimo de falta de seriedade. Improvisar, porém, não é ‘pensar de última hora’; pelo contrário, pode ser o sinal de estar a pensar há já muito tempo, sempre na necessidade profunda da retificação, às vezes no último minuto (e já perdidos os auxílios econômicos por ‘vencimento do prazo’).[...].

Tudo parece construído para inteligências medianas e conformistas, capazes de assimilar um modelo para sua correta aplicação. Nas universidades, não se espera que ninguém desenvolva uma filosofia, e se alguém tentasse fazê-lo seria mal avaliado, e considerado irresponsável.⁶

Seu *Diário* está estruturado em três partes: na primeira o autor faz considerações sobre a atual situação da filosofia no Brasil; na segunda, pondera sobre lógica, ética e sobre a relação entre cinema e filosofia, procurando mostrar como essas três áreas se articulam em seu pensamento; e, na última parte, retorna às suas reflexões sobre filosofia no Brasil. Contudo, a fim de cumprir nosso objetivo, ou seja, abordar a filosofia, o filosofar e o ensino de filosofia no Brasil, nos ocuparemos, principalmente, da primeira parte de seu *Diário de um filósofo no Brasil*.

³ Esse livro foi eleito finalista do Prêmio ABEU (Associação Brasileira de Editoras Universitárias), obtendo o 2.º lugar.

⁴ Publicado neste volume da revista *Cuadernos Chilenos de Historia de la Educación*.

⁵ Julio Cabrera, *Diário de um filósofo no Brasil*. Ijuí: Unijuí, 2010, p. 09.

⁶ Julio Cabrera, *Diário de um filósofo*, p. 62-63.

Tendo ciência de que o ensino de filosofia no meio universitário brasileiro é marcado por sua própria morte, escreve Cabrera:

O presente Diário não foi escrito para velhos professores, mas para os numerosos jovens de qualquer tempo que se interessam por Filosofia e não se sentem compreendidos pelas instituições nem ouvidos pelos seus professores e orientadores. [...]. 'Jovens de qualquer tempo' significa que este Diário também é destinado àqueles jovens que os atuais professores alguma vez já foram, mas que não foi escrito para os professores em que esses jovens se transformarão um dia⁷.

A convicção geral é que no Brasil, anteriormente ao século XX, tínhamos apenas diletantes e autodidatas confusos, com estudos baseados em manuais e traduções não confiáveis. Já com a profissionalização e o rigor exegético dos estudos de filosofia no cenário universitário brasileiro, alcançamos bons resultados⁸ por meio de comentários de autores cujas teses e dissertações em nada deixam a desejar diante de trabalhos de pós-graduação realizados na Europa ou nos Estados Unidos. Nessa perspectiva, a atividade filosófica realizada por meio do comentário prepara o terreno para que futuras gerações possam realizar uma atividade filosófica criativa. Assim, parece ser um fato a não existência de filósofos no Brasil. Esta questão é o problema central da primeira parte do *Diário*.

PERDENDO AS DEFINIÇÕES

A filosofia é muito bem definida pela comunidade filosófica como uma atividade teórica, que opera com argumentos construídos em diálogos com a tradição filosófica ocidental, sendo também universal. No entanto, “o problema não é, pois, o de não sabermos o que seja Filosofia, mas de sabê-lo em demorado”⁹.

A proposta cabreriana é apresentar a filosofia ainda como problema, como algo que não pode ser definido com tanta precisão. Em outras palavras, ele sustenta uma visão plural do filosofar¹⁰, que não é adquirida mediante tecnicismo, mas com o próprio ser no mundo, como ser perguntante, que busca resposta a essa insatisfação, a esse desamparo. A profissionalização da filosofia, com sua técnica instrumental, tende a ocultar o desamparo filosófico, que, por sua vez, resiste à profissionalização. “No filosofar não é primordial a aquisição de informações. Pelo contrário, de certa forma, filosofar pode ver-se como uma

⁷ Julio Cabrera, *Diário de um filósofo*, p. 09.

⁸ Esse otimismo cego também pode ser constatado no livro *Conversa com filósofos brasileiros* (2020, p. 54, p. 55, p. 56, p. 79, p. 211, p. 342, p. 413), de Marcos Nobre e José Márcio Rego.

⁹ Julio Cabrera, *Diário de um filósofo*, p. 12.

¹⁰ Além da obra que analisamos aqui, a visão plural do filosofar também é defendida por Julio Cabrera em outros textos escritos, como *Margens das filosofias da linguagem* (2003).

maneira de desinformar-se, de descartar informações, de virar-se com o que tem, de fazer reflexões minimais sem se deixar atordoar pelo excesso de dados”¹¹.

Descartar informações não significa excluir a história do pensamento filosófico, não significa diminuir o diálogo com a tradição filosófica. O que Cabrera propõe – e com ele concordamos – é que se diminuam as certezas, pois a filosofia é feita a partir da dúvida, da angústia, do desamparo. Se não há incertezas, não tem como a filosofia avançar¹². A filosofia acadêmica está cheia de certezas, de precisão historiográfica, erudita e conceitual, que nem mesmo a maioria dos filósofos da tradição possuem. “Para filosofar é necessário ter ousadia, muito trabalho reflexivo e muito estudo, embora não necessariamente histórico. Assim, se se pretende formar filósofos, é preciso romper com o exagero historiográfico e comentarístico”¹³. Ou, nas palavras de Julio Cabrera, “Como filósofos não se trata de ‘saber mais’, mas de ‘ser mais’ mediante [*Sic*] uma indagação sobre o mundo”¹⁴. Por mais erudito que seja um filósofo, a sua filosofia se faz a partir de uma carência, de uma insatisfação, de uma incerteza.

O excesso de informações e a certeza que a especialização nos oferece, não devem substituir a incerteza que nos força a pensar filosoficamente, que pode “manifestar-se crítica ou acriticamente, radical ou não radicalmente, racional ou não racionalmente”¹⁵, e, na multiplicidade com que aqui se entende a filosofia, ela pode ser uma manifestação literária, um escrito autobiográfico, etc. Em sua pluralidade, a filosofia é indefinível¹⁶.

Sobre esse aspecto, isto é, a indefinição da filosofia, diz Cabrera:

Não assumo aqui nenhuma atitude de escândalo diante da multiplicidade ou do ‘caos’ do termo ‘Filosofia’, ou de impaciente exasperação diante de sua ‘indefinição’, pois vejo a multiplicidade do filosofar como um desdobramento de sua própria natureza, não como um penoso acidente histórico a ser lamentado e resolvido¹⁷.

A filosofia profissional se ergue como a legítima maneira de filosofar, como uma definição permanente e redutiva das múltiplas formas de filosofar. No entanto, vale lembrar que “nenhuma estrutura acadêmica deveria determinar como a vida filosófica de um ser humano deverá desenvolver-se, mas fazer de tudo para que as mais várias formas surjam, se oponham e convivam”¹⁸. Portanto, não se trata de buscar uma definição de filosofia, mas

¹¹ Julio Cabrera, *Diário de um filósofo*, p. 14.

¹² Não falamos em progresso da filosofia, mas em continuidade do filosofar.

¹³ Danilo Rodrigues. “Ensino de filosofia na academia brasileira: entre a formação e a deformação”. *Fermentario*, Montevideo; Campinas, v. 1, n. 1, 2017, p. 55.

¹⁴ Julio Cabrera, *Diário de um filósofo*, p. 14.

¹⁵ Julio Cabrera, *Diário de um filósofo*, p. 14.

¹⁶ Sobre a indefinição da filosofia, também vale conferir o artigo “Filosofia, impossível defini-la”, de Gonçalo Palácios, publicado na revista *Philosophos* (1996).

¹⁷ Julio Cabrera, *Diário de um filósofo*, p. 14.

¹⁸ Julio Cabrera, *Diário de um filósofo*, p. 15.

libertá-la de toda definição permanente, deixando o filósofo livre de qualquer obrigação metodológica. Na multiplicidade, o filósofo deverá encontrar seu solo para se expressar, seja na superfície ou nas profundezas. “Um filósofo genuíno não pensa tentando evitar dizer trivialidades”¹⁹.

Enfim, sendo plural, a filosofia não consiste em um conjunto de normas preestabelecidas, e entender o filosofar em termos estritamente profissionais é tão estranho quanto entender a vida humana em termos estritamente profissionais. Assim, livrando-se de obrigações metodológicas ou estilísticas, o filósofo poderá livremente “apresentar o mundo ao mesmo tempo que desenha seu rosto na empreita”²⁰. Portanto, cabe-nos perguntar: Estamos fazendo isso no Brasil?

O QUE SIGNIFICA A EXPRESSÃO ‘NO BRASIL’?

Para responder essa questão é necessário distinguir: Filosofia brasileira; Filosofia no Brasil; e Filosofia desde o Brasil. Primeiramente, vale destacar que não faz sentido colocar a questão de uma filosofia brasileira no sentido de uma filosofia nacional, pois isso removeria o caráter universal da filosofia. No entanto, a expressão “filosofia brasileira” poderá ser aceita para designar a atividade filosófica realizada no Brasil. Quando Cabrera se refere à filosofia no Brasil, ele não está se referindo a uma filosofia brasileira, no sentido de uma filosofia nacional, pois essas removeriam da filosofia seu caráter universal. Nessa direção, “aceitar a afirmação ‘Não há Filosofia brasileira’ (no sentido ‘nacional’ que antes foi mencionado), não implica obviamente aceitar ‘Não há Filosofia no Brasil’, e tampouco implica (não obviamente) aceitar ‘Não há filósofos desde o Brasil’”²¹.

Com a palavra “no”, Julio Cabrera se refere à atividade filosófica acadêmica e impessoal, realizada em um determinado país, ou seja, trata-se de uma questão geográfica, e o que é feito no Brasil não difere do que é feito no Chile, por exemplo. Por outro lado, o conceito “desde” traz consigo influências e referências, não necessariamente brasileiras. Assim, os filósofos que pensam desde o Brasil não fazem uma filosofia brasileira, mas, a partir de uma maneira particular, fazem filosofia, sem limitar-se a desenvolver um comentário de obras filosóficas, o que poderia ser feito por qualquer um e em qualquer lugar. Portanto, os filósofos *desde* não serão nem pensadores ultrapessoais nem pensadores impessoais, ou seja, os filósofos *desde* não serão nem exóticos pensadores nacionais (ultrapessoais) nem técnicos da filosofia (impessoais).

Assim, um filósofo desde o Brasil (o que se diz aqui sobre o Brasil aplica-se, obviamente, a qualquer outro país) foge, ao mesmo tempo, da pretensa (e frequentemente enigmática) necessidade de uma ‘Filosofia brasileira’, mas também da total gratuidade do ‘universalismo’ impessoal da Filosofia

¹⁹ Julio Cabrera, *Diário de um filósofo*, p. 15.

²⁰ Julio Cabrera, *Diário de um filósofo*, p. 17.

²¹ Julio Cabrera, *Diário de um filósofo*, p. 19.

‘profissional’ universitária²².

Seguindo a argumentação cabreriana, a não existência de uma filosofia brasileira (nacional) não implica que não exista uma filosofia no Brasil, uma atividade filosófica geograficamente situada no Brasil, algo que os acadêmicos aceitariam sem problemas. Todavia, afirmar a inexistência de uma filosofia brasileira não implica negar uma filosofia desde o Brasil. Apesar da estrutura acadêmica que busca ocultar e eliminar o filosofar, existiram filósofos brasileiros e ainda existem, embora não existam os mecanismos informacionais, institucionais e valorativos que permitam visualizá-los.

Hoje nós temos um aparato de informação (publicação de livros, elaboração de bibliografias) que nos permite visualizar perfeitamente trabalhos filosóficos alemães e norte-americanos de todos os níveis, mas que nos impede a visualização de grandes esforços reflexivos sul-americanos. Todo mundo conhece *Mortal Question*, de Thomas Nagle, mas poucos conhecem a *Metafísica de la muerte*, do mexicano Agustín Basave Fernández, publicado 14 anos antes do livro de Nagle. Quantos professores de Filosofia brasileiros conhecem o pensamento de Octavio Paz, Angel Vasallo ou Francisco Miró Quesada? A ‘não existência’ de Filosofia no Brasil (e em muitos países) pode ser um efeito produzido pela particular distribuição de informação hoje imperante no mundo, pela particular estrutura das instituições de ensino e de pesquisa e por ideias unilaterais do que tenha ou não valor como Filosofia. Alterando estas condições, começamos a ‘ver’ os nossos filósofos, ou seja, quando deixarmos de buscá-los nos lugares errados e com as imagens e expectativas erradas²³.

O FILOSOFAR E O MEIO SOCIAL

É certo que o pensamento filosófico está inserido em um determinado ambiente sociopolítico e cultural. No entanto, esse ambiente não é condição necessária e suficiente para gerar um pensamento filosófico, ainda que, de uma forma ou de outra, o meio social e cultural reflita no pensamento filosófico. Porém, ninguém começa a filosofar “somente porque as condições sociais e culturais do país onde por acaso vive chegaram a um ponto em que filosofar se tornou possível. O filosofar próprio surge *também* de uma vontade singular de expor o mundo de uma maneira inevitavelmente pessoal”²⁴.

No cenário acadêmico brasileiro (mas não apenas brasileiro) acredita-se que é necessário criar, primeiramente, uma comunidade de bons historiadores da filosofia, publicar livros e artigos no mesmo nível das publicações europeias e norte-americanas. Por

²² Julio Cabrera, *Diário de um filósofo*, p. 20.

²³ Julio Cabrera, *Diário de um filósofo*, p. 21.

²⁴ Julio Cabrera, *Diário de um filósofo*, p. 23.

outro lado, os críticos desse modelo, em suas lutas contra o colonialismo, julgam necessário criar condições sociais e culturais que favoreçam o surgimento de um pensamento original e criador. O problema, em ambos casos, é que o filosofar é pensado em uma perspectiva de futuro, seja preparando gerações de eruditos especialistas em ideias alheias ou criando condições sociais e culturais para que as novas gerações possam se libertar da dependência cultural.

No Brasil e em outros países latino-americanos entende-se ser necessário um longo preparo para o filosofar. Esse processo é dividido em etapas: uma primeira exige aquisição de material de estudo, como boas traduções; em um segundo momento, é importante a elaboração de eruditos comentários historiográficos; e, finalmente, ocorre a criação filosófica. Entretanto, o longo preparo não se faz imprescindível para o filosofar. E adverte Cabrera:

Não estou sugerindo que um filósofo surja por um milagre só pela própria vontade; o ato singular de filosofar é uma aventura e comporta sempre um grande risco, porém, não se precisa de nenhum ‘embalo’, nem queimar gerações, nem absolutamente nenhum ‘preparo’ prévio além do que já temos: estamos em condições de tentar filosofar por conta própria se tivermos a sensibilidade e a vontade de fazê-lo, o que sempre será empreitada árdua, um salto nas trevas, como sempre tem sido²⁵.

Vale destacar que a atividade filosófica proposta não surge do nada ou sem um contexto e, portanto, não é um acidente mágico ou inexplicável. Cabrera não nega que o filósofo está inserido em um contexto social, o que ele nega é o que filósofo seja produto desse meio, pois o que faz uma pessoa filosofar é sua atitude perante suas inquietações.

A minha tese é que um filósofo não surge automaticamente de uma prática social ou de um meio social favorável, nem deixa de surgir num desfavorável (como o menino do filme inglês ‘Billy Elliot’, que se torna bailarino numa comunidade de mineiros). Permitam, por favor, que fale no meu caso particular (lembre-se: isto é um Diário): que eu nascesse num país (Argentina), numa cidade (Córdoba) com uma intensa atividade chamada Filosofia, cidade com uma das universidades mais antigas da América, com um bom departamento de filosofia, etc., tudo isso, per se, não me tornou um (bom ou mau) filósofo. O que me tornou um (bom ou mau) filósofo foi uma experiência primordial e a vontade de explicitá-la por meio da escrita e da exposição oral; foi a infelicidade, o desamparo, um certo tipo de sensibilidade diante da desonestidade das pessoas, um grande inconformismo com as maneiras falaciosas com que as pessoas

²⁵ Julio Cabrera, *Diário de um filósofo*, p. 24.

raciocinavam, etc²⁶.

O filosofar está inserido em um meio social. No entanto, o meio social não produz, necessariamente, o filosofar, pois a atividade filosófica pode surgir em oposição ao próprio meio. Enfim, apesar de o filósofo estar inserido em um meio social, este não é o propulsor de seu filosofar.

OS ACADÊMICOS DE FILOSOFIA PERANTE O FILOSOFAR

É interessante, embora deprimente, examinar como os professores se opõem, com suas objeções automáticas, ao ato singular do pensamento. É típico da academia adotar *arguições-padrão*. Vejamos tais arguições:

(1) Não se pode começar a filosofar desde o nada. Isso não existe. Toda vez que nos ocorre um problema, há uma inserção do mesmo em uma tradição filosófica e, por conseguinte, em uma literatura disponível sobre a questão. A maneira séria de fazer Filosofia é, dado um problema, procurar a literatura relevante inserida nessa tradição, e conhecê-la profundamente, antes de escrever qualquer coisa sobre a mesma, sob o risco de, por desconhecimento, incorrer em repetições, em coisas já sabidas ou em ingenuidades. (O famoso terror a ‘descobrir a pólvora’, sobre a qual escrevi um texto incluído na Parte 3 desde diário).

(2) Pretender filosofar a partir de nada, apenas pelas próprias forças reflexivas, faz cair no diletantismo, na improvisação e no autodidatismo falsamente autossuficiente (ou no ‘achismo’ do ‘eu acho’), atitudes que acompanham a atividade filosófica no Brasil durante os séculos anteriores ao 20. Este tipo de filosofar diletante, se tentado ainda nos dias de hoje, é simplesmente irresponsável, e cria ‘Filosofia frouxa’, aquela que se faz a partir de ideia vaga de que ‘todos somos filósofos’ e de que cada um de nós pode e deve ousar filosofar a partir da própria pessoa e dos próprios pensamentos e experiências. Pelo contrário, todo e qualquer tratamento sério de um problema passa por um conhecimento das arguições existentes na comunidade, dentro das quais as próprias colocações e pensamentos terão de se situar²⁷.

A história da filosofia pode ser um importante instrumento de iniciação ao filosofar, talvez o principal, mas não o único. Se na história da filosofia encontramos filósofos eruditos, como Edmund Husserl e Martin Heidegger, também encontramos uma lista de não eruditos,

²⁶ Julio Cabrera, *Diário de um filósofo*, p. 25.

²⁷ Julio Cabrera, *Diário de um filósofo*, p. 26-27.

como por exemplo, Albert Camus, Louis Althusser e René Descartes. A investigação de Camus sobre o absurdo e a revolta buscou revolver problemas, como a questão do suicídio e do assassinato; quando ele recorreu à história da filosofia, foi buscando o diálogo com suas inquietações. Althusser leu pouco Marx, e muito do que escreveu sobre a concepção marxista de ideologia foi inferido de sua capacidade dedutiva, fato confirmado em sua autobiografia publicada postumamente²⁸. A defesa da aquisição de um sólido conhecimento em história da filosofia como um pré-requisito para a criação filosófica vem na direção de advertir os estudantes do risco de “reinventar a roda”. Entretanto, vale lembrar que a prova da existência do *cogito* a partir da dúvida, defendida por Descartes, em 1637 e 1641, no *Discurso do método* e nas *Meditações de filosofia primeira*, respectivamente, já estava contida há 12 séculos nas obras *A Trindade*, *A cidade de Deus* e *O livre arbítrio*, de Santo Agostinho, o que não diminuiu a importância de Descartes. Isso mostra que um grande conhecimento em história da filosofia não é condição necessária para filosofar. Se é verdade que a história da filosofia é um elemento importante para o ato de filosofar, também é verdade que, dependendo de como é trabalhada com os alunos, ela propicia o contrário, a saber, o suicídio filosófico.

É comum, no meio acadêmico profissional de filosofia, a falsa justificação de que, sem o sólido conhecimento em história da filosofia, o aspirante a filósofo corre o risco de “reinventar a roda”, ou seja, na tentativa de expor ideias próprias, expõe ideias já trabalhadas por algum filósofo da tradição. Retomando o que foi dito, a prova da existência do *cogito* a partir da dúvida, defendida por Descartes no século XVII, já tinha sido trabalhada no século V por Santo Agostinho. Apesar da grande proximidade dos textos de Descartes²⁹ com os de Agostinho³⁰, estudiosos da obra cartesiana, como Etienne Gilson, isentaram Descartes de falta de originalidade. Conforme Julio Cabrera mostrou em seu *Diário* (2010, p.

²⁸ Gonçalo Armijos Palácios, *Alheio olhar*. Goiânia: UFG, 2004, p. 56-58.

²⁹ Em 1637, escreveu Descartes (2007, p. 58-59), no *Discurso do método*: “Mas logo atentei que, enquanto queria pensar assim que tudo era falso, era necessariamente preciso que eu, que o pensava, fosse alguma coisa. E, notando que esta verdade – penso, logo existo – era tão firme e tão certa que todas as mais extravagantes suposições dos cétricos não eram capazes de abalar, julguei que podia admiti-la sem escrúpulo como o primeiro princípio da Filosofia que buscava”. Quatro anos mais tarde escreveu nas *Meditações* (2004, p. 45): “Mas já me persuadi de que não há no mundo totalmente nada, nenhum céu, nenhuma terra, nenhuma mente e nenhum corpo. Portanto, não me persuadi de que eu, também, não era? Ao contrário, eu certamente era, se me persuadi de algo ou se somente pensei algo... Não há dúvida, portanto, de que eu, eu sou, também se me engana [o gênio maligno]: que me engane o quanto possa, nunca poderá fazer, porém, que eu nada seja, enquanto eu pensar que sou algo”.

³⁰ Em *A cidade de Deus*, escreveu Agostinho (2001, p. 47), referindo-se às verdades teológicas: “Tais verdades desafiam todos os argumentos dos acadêmicos, que dizem: Quê? E se te enganas? Pois, se me engano, existo. [...]. Embora me engane, sou eu que me engano e, portanto, no que conheço que existo, não me engano. Segue-se também que, no que conheço que me conheço, não me engano”. Em *A trindade* (2005, p. 328), escreveu: “Quem pode duvidar que a alma vive, recorda, entende, quer, pensa, sabe e julga? Pois, mesmo se duvida, vive; se duvida, lembra-se do motivo da sua dúvida; se duvida, entende que duvida; se duvida, quer estar certo; se duvida, pensa; se duvida, sabe que não sabe; se duvida, julga que não se deve consentir temerariamente. Ainda que duvidasse de outras coisas não deve duvidar de sua dúvida. Visto que se não existisse, seria impossível duvidar de alguma coisa”. E, finalmente, em *O livre arbítrio* (2008, p. 80), escreveu Agostinho: “Assim, pois, para partirmos de uma verdade evidente, eu te perguntaria, primeiramente, se existes. Ou, talvez, temas ser vítima de engano ao responder a essa questão? Todavia, não te poderias enganar de modo algum, se não existisses”.

137-149), os argumentos utilizados para isentar Descartes devem ser usados, também, para isentar filósofos sul-americanos, quando acusados de “reinventar a roda”. Acrescentamos, à tese de Cabrera, que tais argumentos devem, também, ser utilizados para isentar estudantes que estão iniciando a prática filosófica.

O argumento do diferente sentido e o do desenvolvimento da ideia são os mais relevantes para defender Descartes de reinventar a roda (CABRERA, 2010, p. 140-141). O primeiro consiste em sustentar que o filósofo francês disse o mesmo que Agostinho, mas não no mesmo sentido, pois Santo Agostinho utiliza o argumento para provar a certeza do ser e, em seguida, provar que há em nós alguma imagem da Trindade, enquanto Descartes utiliza o mesmo argumento para provar que o ser que pensa é uma substância imaterial, que nada tem de corpóreo. Já o segundo argumento, como o próprio nome diz, se refere ao desenvolvimento e aos desdobramentos de uma ideia já apresentada. Desse modo, portanto, a originalidade da filosofia cartesiana é defendida.

É verdade que não podemos acusar Descartes de falta de originalidade. Afinal, uma tese do século V não poderia servir de base para o mecanicismo cartesiano. Entretanto, também é verdade que esses filósofos não escreveram algo totalmente distinto, pois tanto um quanto outro refutam o ceticismo a partir da dúvida, deduzem a espiritualidade da alma a partir da certeza do pensamento, concebem a alma como imaterial, além da ideia de que o pensamento não possui consciência imediata de ter um corpo e do apoio da prova da existência de Deus na certeza do pensamento (CABRERA, 2010, p. 143). Repetir ideias não implica falta de originalidade, e vários outros pensadores com originalidade filosófica retomaram teses passadas – o que não é nenhuma novidade. É inevitável retomar outras teorias, seja para dar continuidade, seja para criticá-las. O que defendemos aqui é que os estudantes que estão iniciando suas pesquisas *em filosofia* tenham a liberdade para retomar teorias passadas e que, se necessário, sejam beneficiados com os mesmos argumentos que serviram para isentar Descartes de falta de originalidade.

A comunidade acadêmica acredita que o domínio adequado de uma metodologia de leitura de textos prepara o estudioso de filosofia para criação filosófica. Somente assim, para a grande maioria dos acadêmicos, é possível fazer uma filosofia séria e responsável. Sendo essa a única maneira de fazer filosofia, não merecendo quaisquer considerações caminhos alternativos para a atividade filosófica. Essa incapacidade de avaliar outras maneiras de fazer filosofia consiste na mais grave situação da filosofia no Brasil, pois ela nos leva a crer que estamos no caminho certo, pois estamos crescendo e nos aproximando dos grandes centros filosóficos; que estamos escrevendo e apresentando trabalhos no mesmo nível dos países europeus e dos Estados Unidos. Podemos notar esse otimismo ao longo de várias entrevistas a Marcos Nobre e José Márcio Rego, publicadas no livro *Conversas com filósofos brasileiros*.

A atitude dos professores de filosofia se resume a uma série de medos que afastam o estudante do ato de filosofar.

medo do diletantismo e do autodidatismo, medo de ‘descobrir a pólvora’, medo de que, em Filosofia, se possa afirmar ‘qualquer coisa’, medo das instituições soltas sem argumentação sólida, medo de toda forma de pré-

profissionalismo, medo da ‘Filosofia frouxa’ de baixa qualidade, medo da rejeição pelos padrões internacionais de qualidade, medo da ‘má formação’, medo de pensar sem ter-se ‘reciclado’ adequadamente, e, finalmente, o pior de todos os medos, o medo das alternativas (pois se não existisse este último medo, todos os outros seriam amenizados)³¹.

Com essas atitudes, a atividade filosófica no Brasil se resume a um contar e escutar história, afastando o(a) estudioso(a) de filosofia da criação filosófica, tornando-o(a), na melhor das hipóteses, um(a) especialista em ideias alheias, impossibilitando, por princípio, o surgimento de filósofos desde o Brasil. A essa situação denominamos “heterocídio filosófico”, ou seja, a morte do filosofar cometida por professores que, com seus medos, impossibilitam o ato de filosofar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É curioso notar como os filósofos da tradição seriam reprovados pela academia brasileira. Descartes, por reinventar a roda e por falar em primeira pessoa, seria um dos reprovados em nossos cursos de filosofia. O aluno Ludwig Wittgenstein também não seria aprovado. Ele não fez uma adequada revisão da literatura, “apenas deu uma olhada (muito apressada em alguns pontos) nos escritos de Frege e nos *Principia Mathematica*, e já se lançou temerariamente a escrever o que ele achava dos problemas ali expostos”³². Na mesma direção, afirma Palácios: “O filósofo não abre um livro para *interpretá-lo*”, mas “para *debater*”³³, ou seja, trata-se de ir à história do pensamento filosófico para auxiliar e fundamentar a reflexão pessoal que se inicia com o problema, com as inquietações. É assim que a história da filosofia se articula com a criação filosófica. Wittgenstein buscou respostas ao que o atormentava, apropriando-se de problemáticas filosóficas de Frege e de Russel; apresenta, em seu *Tractatus*, “teses sem justificação, quase nunca argumenta, e expõe os pensamentos em forma aforística e fragmentada”³⁴. Enfim, Wittgenstein seria reprovado pela academia brasileira por não seguir os padrões da seriedade filosófica acadêmica.

Outro filósofo sobre o qual podemos tecer algumas considerações é Immanuel Kant. O autor da *Crítica da razão pura* tem um perfil bem diferente de Wittgenstein, é um erudito, professor e funcionário do estado. No entanto, o aluno Kant também seria reprovado em um curso de filosofia no Brasil, por não se enquadrar nas atuais normas acadêmicas, pois sua erudição aparece, em suas obras, num viés crítico e dentro do seu próprio projeto filosófico, sem se preocupar com citações ou com as inúmeras notas de rodapé.

A questão não é, portanto, a erudição, mas o particular uso que dela é feito.

³¹ Julio Cabrera, *Diário de um filósofo*, p. 27-28.

³² Julio Cabrera, *Diário de um filósofo*, p. 28.

³³ Gonçalo Armijos Palácios, “Novo mundo, velhas filosofias”. *Ciências humanas em Revista*, Goiânia, vol. 4, 1993, p. 41.

³⁴ Julio Cabrera, *Diário de um filósofo*, p. 28.

Quando Kant critica Locke ou Leibniz ou Descartes, nunca está fazendo 'revisão de literatura' (como tal, seria uma revisão muito 'frouxa!'), mas ele o faz sumariamente e sempre de um ponto de vista muito pessoal, sem entrar em pormenores e tendo em vista seus próprios objetivos como pensador³⁵.

Poderíamos incluir vários outros filósofos na lista dos que seriam reprovados pela academia brasileira. Porém, entre os acadêmicos, é comum a justificativa de que esses filósofos transgrediram normas, mas eles são geniais, e suas genialidades permitem tais transgressões, mas que pessoas desprovidas de genialidade não devem agir como eles. Nessa direção, a alta qualidade das ideias desses filósofos dispensa as imposições metodológicas que os desprovidos de genialidade devem seguir. Contudo, vale destacar que esses filósofos não fizeram suas filosofias por serem geniais, eles as fizeram, e o resultado foi considerado genial (CABRERA, 2010, p. 30).

Enfim, para que essa situação melhore, é preciso reconhecer que a situação não está bem; caso contrário, sem um questionamento da atual situação da filosofia e de seu ensino no Brasil, nada irá melhorar. O otimismo ingênuo ou a desonestidade intelectual impede que parte dos acadêmicos contribua para o filosofar e para um filosófico ensino de filosofia entre nós.

³⁵ Julio Cabrera, *Diário de um filósofo*, p. 29.

REFERÊNCIAS

- Cabrera, Julio. *Diário de um filósofo no Brasil*. Ijuí: Unijuí, 2010.
- Pimenta, Danilo Rodrigues. “Ensino de filosofia na academia brasileira: entre a formação e a deformação”. *Fermentario*, Montevideo; Campinas, v. 1, n. 1, 2017, p. 39-58.
- Nobre, Marcos; Rego, José Márcio. *Conversa com filósofos brasileiros*. São Paulo: Ed. 34, 2000.
- Palácios, Gonçalo Armijos. *Alheio olhar*. Goiânia: UFG, 2004.
- Palácios, Gonçalo Armijos. “Novo mundo, velhas filosofias”. *Ciências humanas em Revista*, Goiânia, vol. 4, 1993, p. 33-50.
- Palácios, Gonçalo Armijos. “Filosofia: impossível defini-la”. *Philosophos*, Goiânia, vol. 1, n. 1, 1996, p. 33-51.
- Descartes, René. *Meditações sobre Filosofia primeira*. Campinas: Unicamp, 2004.
- Descartes, René. *Discurso do método*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- Agostinho. *A cidade de Deus*. Parte II. Petrópolis: Vozes, 2001.
- Agostinho. *A trindade*. São Paulo: Paulus, 2005.

OBRAS DE JÚLIO CABRERA DESTACADAS NO TEXTO

- Cabrera, Julio. *A lógica condenada: uma abordagem extemporânea de filosofia da lógica*. São Paulo: Hucitec; EDUSP, 1987.
- Cabrera, Julio. *Projeto de ética negativa*. São Paulo: Mandacaru, 1990.
- Cabrera, Julio. *Crítica de la moral afirmativa. Un ensayo sobre nacimiento, muerte y valor de la vida*. Barcelona: Gedisa, 1996.
- Cabrera, Julio. “Acerca da expressão das Nichts Nichtet (Uma leitura analítica)”. *Revista Philosophos*, Goiânia, v. 3, n. 2, 1998.
- Cabrera, Julio. *Cine: 100 años de filosofía. Una introducción a la filosofía a través del análisis de películas*. Barcelona: Gedisa, 1999.
- Cabrera, Julio. *Margens das filosofias da linguagem*. Brasília: Editora da UnB, 2003.
- Cabrera, Julio. “Nada e negação (entre Wittgenstein e Sartre)”. *Revista Tempo da Ciência, Toleto*, v. 10, 2004.
- Cabrera, Julio. *De Hitchcock a Greenaway pela história da filosofia. Novas reflexões sobre cinema e filosofia*. São Paulo: Nankin Editorial, 2007.
- Cabrera, Julio. *Ética negativa: problemas e discussões*. Goiânia: UFG, 2008.
- Cabrera, Julio. “Eutanásia poética. Reflexões em torno de cinema e filosofia”, em *O cinema e seus outros*, organizado por Renato Cunha. Brasília: LGE, 2009.
- Cabrera, Julio. *Diário de um filósofo no Brasil*. Ijuí: Editora Unijuí, 2010.
- Cabrera, Julio. “Europeu não significa universal. Brasileiro não significa nacional”. *Revista Nabuco*, v. 1, 2015.

- Cabrera, Julio. “Filosofar acadêmico e pensamento insurgente”. Revista *Ideação*, Feira de Santana, v. 1, 2017.
- Cabrera, Julio. *Mal-estar e moralidade*. Brasília: Editora da UnB, 2018a.
- Cabrera, Julio. “O projeto institucional da Filosofia no Brasil e a inexistente Escola de Brasília”. Revista *Sísifo*, Feira de Santana, v. 1, 2018b.
- Cabrera, Julio. “El estudiante de filosofía como “víctima académica”. (Una reflexión sobre violencia intelectual desde Enrique Dussel). *Cuadernos Chilenos de Historia de la Educación*, Santiago, 2020.
- Cabrera, Julio; Santis, Thiago Lenharo. *Porque te amo, não nascerás! Nascituri te salutant*. Brasília: LGE, 2009.
- Cabrera, Julio; Tiburi, Márcia. *Diálogo/Cinema*. São Paulo: Editora Senac, 2013.